

Este artigo foi recebido em 2 de julho de 2025 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme política editorial, sendo aprovado para publicação em 10 de outubro de 2025.

A VIOLÊNCIA ESTRUTURAL DA LITERATURA PARA A ATUALIDADE

STRUCTURAL VIOLENCE: FROM LITERATURE TO THE PRESENT DAY

ANA LUIZA KNAAK GEPPERT

Bacharel em Teologia pela Faculdades EST e mestranda em Teologia pelo PPG da mesma instituição

E-MAIL: analukage@gmail.com

Resumo

O presente artigo aborda a violência estrutural denunciada na obra literária *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, buscando na atualidade elementos ainda presentes dessa faceta da violência. Publicado em 1938, período em que os avanços em torno da estrutura política e econômica deram espaço à abertura ao sistema capitalista (aumentando os abismos entre populações marginalizadas e populações com maior prestígio na sociedade), o romance narra a história de uma família de retirantes do sertão nordestino totalmente excluída e marginalizada. Dessa forma, traz à tona uma série de violências e opressões sofridas pelas personagens e dá visibilidade à pessoa sertaneja e aos desafios enfrentados para sobreviverem. É perceptível identificar que há semelhanças com a atualidade e que as diversas formas de violência estrutural continuam a acontecer, sendo que os alvos mais frequentes se

dão entre as populações mais marginalizadas. Destaca-se, assim, o caráter ainda atual da obra diante das violências que denuncia.

Palavras-chaves: Vidas Secas; violência estrutural; desigualdade; opressão; Estado.

Abstract

This article addresses the structural violence denounced in *Vidas Secas* (*Barren Lives*), a literary work by Graciliano Ramos, seeking to identify elements of this form of violence that are still present today. Published in 1938, during a period when political and economic developments opened the way to the capitalist system—thereby deepening the gap between marginalized populations and those of higher social prestige—the novel tells the story of a migrant family from the northeastern backlands, completely excluded and marginalized. In doing so, it brings to light a series of acts of violence and oppression experienced by the characters and gives visibility to the *sertanejo* people and the challenges they face in order to survive. It is possible to recognize similarities with the present day, as various forms of structural violence continue to occur, most often targeting marginalized populations. Thus, the novel's relevance remains evident in light of the violence it denounces.

Keywords: Vidas Secas; structural violence; inequality; oppression; State.

Introdução

A violência, em suas mais diversas faces, assola a sociedade no perpassar dos tempos e pode ser identificada no decorrer de toda a história da humanidade. O desenvolvimento das sociedades, de modo geral, carrega consigo violências infundáveis. Se pensarmos na exploração da América Latina, é possível listar de forma muito rápida diversas formas de violência: a violência física nas guerras, na conquista e exploração de novos territórios e,

principalmente, na exploração e escravização de povos dominados; a violência religiosa, quando ocorria a imposição da religião do dominador sobre os povos dominados; a violência sexual, que se dava principalmente na exploração dos corpos das mulheres; a violência de gênero, onde as mulheres eram tratadas como seres inferiores e desprovidas de direitos apenas por serem mulheres; dentre tantas outras formas de violência. É dentro desse contexto violento e de exploração que a sociedade brasileira foi se constituindo, de forma que a violência se torna tão enraizada no gene da sociedade que ainda na contemporaneidade continua sendo possível identificar tais facetas da violência.

Durante períodos violentos e opressores no decorrer da história, é comum usar e ver a arte como expressão de resistência e denúncia da realidade vivenciada. Isso se dá justamente pelo fato de que a arte, em suas mais diversas formas de expressão, oferece espaço para a denúncia da realidade violenta e opressora, expressa a indignação, promove a conscientização e tem ainda o potencial de inspirar ações que promovam a busca por justiça e dignidade. Nessa perspectiva, pretende-se analisar a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, como uma forma de denúncia da realidade opressora e estabelecer correlações com a atualidade e as violências contemporâneas.

A obra, suas denúncias e relações com a violência estrutural

A obra *Vidas Secas* narra a história de uma família de retirantes do sertão nordestino, oprimidos pela seca que traz consigo a miséria, a fome, a angústia e a desesperança. Diante da seca, a vida das personagens é constantemente ameaçada. Escrita pelo autor alagoano

Graciliano Ramos (1892-1953), foi publicada em 1938 e traduzida para diversos idiomas, sendo eles: alemão, búlgaro, catalão, dinamarquês, espanhol, esperanto, flamengo, francês, holandês, húngaro, inglês, italiano, polonês, romeno, sueco, tcheco e turco (Ramos, 2024, p. 137-152), o que demonstra o grande alcance da obra e sua potencialidade. Nesse romance, o autor busca denunciar as opressões, exclusões e abandono sofridos pelas personagens que, diante de tais fatos, são privadas de condições básicas de sobrevivência e vida digna. Assim sendo, reivindica os valores do mundo rural. Diante da realidade tão sofrida vivenciada pelas personagens, o escritor quer deixar claro que, mesmo em meio a um cenário de modernização, existem populações que continuam sendo excluídas, marginalizadas, tratadas como estranhas e expostas aos impactos da modernidade que lhes infligem novos desafios (Dos Santos; De Araújo, 2014, p. 105-106).

O período literário entre os anos de 1930 a 1945 é caracterizado por tomar rumo a um novo realismo que retrata de forma poética a dura realidade da sociedade brasileira. Encaixam-se nessa métrica a ficção regionalista, o ensaio social e a oscilação do ser humano a abrir-se ou fechar-se à natureza e à sociedade. As temáticas que aparecem abordadas com mais frequência compreendem as mazelas do Nordeste brasileiro, as tramas da classe média diante do início da urbanização e os conflitos da burguesia. Diante dessas temáticas, a ficção regionalista exige que a pessoa leitora esteja atenta e participe da história para buscar seus sentidos e ser capaz de interpretar o que lê, isto é, exige-se uma leitura ativa, que aprecia, interpreta, julga e elabora a partir disso suas próprias conclusões (Botoso, 2013, p. 50-52). A particularidade de dar voz e perspectiva a cada uma das personagens torna a trama atraente,

chama atenção para as nuances, os desafios e os anseios de cada qual e gera, de certa maneira, a identificação com a pessoa leitora que é perpassada por todos esses elementos, o que auxilia no exercício da leitura ativa, já que coloca a pessoa leitora inserida dentro do contexto da obra. É dentro desse cenário, perpassada pelos sentimentos das personagens, que se busca analisar as formas de violência ali vivenciadas e contextualizá-las aos dias atuais.

Já no primeiro capítulo do livro, a violência é percebida de forma escancarada, explícita. Inicia-se pelo fato da família (composta por Fabiano, o pai e marido, Sinhá Vitória, mãe e esposa, pelos filhos menino mais velho e menino mais novo, e pela cachorra Baleia) ser obrigada pela seca a se colocar a caminho, sem rumo, em meio à caatinga seca, com fome, frio, carregando consigo o pouco que tem e à mercê de qualquer ameaça que possa surgir além da fome e da opressão já sofrida. Nessa árdua e sofrida caminhada em busca de uma condição melhor (porém sem nenhum recurso no caminho e nem mesmo a certeza ou o horizonte desse lugar melhor), um dos filhos desmaia. Sem condição de seguir adiante, diminui o ritmo da família, o que gera revolta em Fabiano:

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era o culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde. (Ramos, 2024, p. 8)

No trecho fica explícito o quanto Fabiano se enraivece com o fato do desmaio do menino. É claro que esse desmaio é causado por conta da caminhada sob o sol escaldante e pela falta de água e comida, mas atrapalha a caminhada sem rumo. A seca aparecia a ele como

algo necessário pelo fato de que sempre acontecia, era como um ciclo conhecido pelo personagem: a seca trazia consigo a miséria e se estreitava com a morte; após ela vinha a chuva trazendo de volta a vida e a abundância. Sempre foi assim e assim continuaria sendo. Não podendo culpar o ciclo da natureza, que lhe parecia necessário, culpa o menino por seu desmaio, desconta nele a sua raiva diante de toda a situação. Afinal, contra a seca nada poderia fazer. Ele consegue compreender que o menino não era o culpado da miséria da família, mas ainda não consegue deixar de lado a raiva que sente diante da impotência, da falta de alguém a quem culpar. O cenário só muda quando Sinhá Vitória sinaliza que estão perto de algo que pode ser seu destino. Finalmente, quando Fabiano toca o menino, é que a raiva se esvai. É ali, naquele toque, onde parece ser reparado o laço de afeto e misericórdia, quase como se o tocar no filho devolvesse ao vaqueiro a humanidade. Então ele recolhe o filho, coloca-o sob seus ombros e seguem a caminhada.

A seca sempre tornará a aparecer, ela faz parte da vida daquela família e da de tantas outras. Com a seca, a vida é constantemente ameaçada, a morte está sempre à espreita e colocar-se a caminho, sem rumo, em busca de um lugar melhor (que talvez nem exista), é a condição encontrada para enfrentar e perpassar por tal adversidade. Diante disso, não há tempo e espaço para tomar posse das mais básicas condições de vida. Não há escola para os meninos, assim como não houve para seu pai e sua mãe. Sabem somente o básico para se comunicar (o que não é ainda suficiente). Também não há alimento garantido, água potável, saneamento básico. Não há nem mesmo moradia garantida, muito menos segurança. Esse cenário, essa situação, vai sendo passada de geração a geração sem que nada mude.

Fica evidente que o autor busca em sua obra abordar as desigualdades sociais que atingem tais pessoas. Ele se apropria de forma tão intensa desse mundo, dos sofrimentos e angústias que ele causa, que provoca (ou deveria provocar) a indignação da pessoa leitora diante de tantos descasos, quase como se fosse um chamado em defesa da dignidade humana. Dessa forma, Graciliano dá voz e visibilidade às populações rurais, às pessoas sofridas e excluídas da sociedade, onde o drama da pobreza extrema começa já na infância e perpassa gerações. Em *Vidas Secas*, fica evidente que o bem-estar social não alcança a todas as pessoas. A realidade vivenciada pelas personagens coloca em cena uma vida repleta de desafios e incertezas, onde a desigualdade social é vista à luz do dia, onde morte e vida andam juntas e tornam-se intensas de igual maneira, onde é preciso abandonar o próprio lar em busca da sobrevivência. Tudo isso se agrava pela falta de acesso à educação, já que, sem acesso à educação básica, as personagens não conhecem seus direitos como cidadãos e não alcançam as condições necessárias para exigir providências diante do poder público. Graciliano busca, assim, mostrar as consequências do descaso e do abandono dos poderes públicos frente ao mundo rural marginalizado (Dos Santos; De Araújo, 2014, p. 108-111).

Em *Vidas Secas*, torna-se importante não compreender a violência apenas como um ato que fere uma subjetividade, mas perceber que ela está diluída e pode ser percebida como um alicerce vinculado ao exercício do poder dentro da sociedade. Nesse caso, de maneira mais específica, a violência está estritamente vinculada ao poder legítimo que, de certa maneira, confere carta branca às autoridades justificadas (Comin, 2016, p. 93). Diante de tal contribuição, acredita-se que aí se dá uma das violências identificadas que perpassa toda a

obra, que se coloca como o centro de toda a trama. Diante dos fatos narrados, da seca que sempre acontece e sempre ameaça a vida das pessoas do campo, diante da marginalização dessas personagens e da sua exclusão social, identifica-se que uma das violências sofridas e denunciadas pelo autor em sua obra é a violência estrutural, levando em consideração as desigualdades sociais e a inoperância dos poderes públicos em busca de gerar mudanças na situação da família.

É preciso lembrar que a violência é multifacetada. Ela não se dá essencialmente de uma única maneira ou é gerada por um único fator específico, mas se encontra diluída na sociedade em suas mais diversas formas e se manifesta das mais diversas maneiras, sendo estas interligadas em um sistema onde se alimentam e se fortalecem mutuamente. Assim sendo, entende-se por violência estrutural as muitas formas de violência que são infligidas por instituições da sociedade, que representam os esquemas de dominação de classes, grupos e o próprio Estado. Como essas manifestações de violência ocorrem diariamente dentro de instituições consagradas, elas vão se tornando invisíveis, consideradas como um fato natural que não é passível de contestação, já que está sob o jugo da desestabilização social. Desse modo, essa violência facilmente passa despercebida por ser comparada ou vinculada à incompetência dos poderes públicos. Tal naturalização pode ser explicada pelo fato de que, com o passar do tempo e o desenvolvimento dos meios de produção, da economia e da política em si, o Estado (envolvendo todas as suas instâncias de poder) passou a ser responsável por garantir os direitos básicos à população por meio de políticas públicas que visassem à justiça social e elevassem a qualidade de vida das pessoas. Uma vez que o Estado

não cumpre com tal papel, isso é visto como ineficácia, já que a intenção de privilegiar grupos restritos em detrimento da vitimização do restante da população marginalizada (que sofre com a miséria, a fome, a exclusão social e a precariedade das condições de vida) é velada (Cruz Neto; Moreira, 1999, p. 34-39). Em suma, o sistema violento é beneficiado por essa naturalização que enxerga como ineficácia o que, deveras, se caracteriza como violência.

Outro momento em que a violência se mostra explícita é no encontro de Fabiano com o soldado amarelo. O vaqueiro havia ido à cidade comprar os mantimentos que faltavam em casa. No comércio, sempre lhe roubavam no preço e na medida das mercadorias. No bar ocorria o mesmo. É na calçada do estabelecimento que encontra com o soldado que o convida a jogar cartas. Sabendo que ele representava autoridade, Fabiano se viu obrigado a aceitar. Depois de findar o jogo, foi se retirando. Quando alcança a rua, o soldado torna a chamá-lo. Fabiano não dá ouvidos, não quer confusão. Recebe, então, dois empurrões, pisadas nos pés. Diante da violência, protesta contra o soldado, argumenta que ele não tem direito de mexer com quem está quieto, mas segue recebendo agressões ao ponto de não aguentar mais. Tal feito, xinga o soldado, e este então encontra o motivo que procurava para prendê-lo. Na cadeia, é agredido a facão, jogado na cela sem motivo legal. Buscava encontrar palavras para explicar-se, mas o pensamento ia e vinha e as palavras lhe faltavam. Sabia que aquilo era errado, mas não tinha as condições necessárias para se defender. Sabia que o soldado representava o Estado, mas não achava certo o fato de tratar assim um homem que só queria voltar para casa. Pensava nas crianças e em Sinhá Vitória, que deveria estar aflita, já que se

encontrava sem notícias. Não saberia explicar o ocorrido, faltavam-lhe as palavras. Se fosse alfabetizado, quem sabe escaparia da situação (Ramos, 2024, p. 25-36).

Novamente aqui fica evidente a violência legitimada em autoridades justificadas. Nesse caso, o soldado amarelo, como representante do poder exercido pelo Estado, é quem violenta a Fabiano, que é uma figura marginalizada, o que também evidencia o alicerce de poder ali presente. A intenção de Graciliano nesse relato pode estar vinculada à tentativa de expressar a opressão do governo Vargas (vigente na época em que a obra foi escrita). Assim, o foco se dá na opressão do governo à figura do personagem retirante. Em tal relato, além dos alicerces de poder que legitimam a violência, ela também se expressa no uso da força e da coerção como modos de atingir a outra pessoa. Isso aflige a condição física (o personagem é agredido fisicamente), material (alguns dos recursos que levava consigo são perdidos na confusão), simbólica (é agredido pela organização social que o cerca) e psicológica (é negada a condição de dignidade). Dessa forma, o autor busca demonstrar, de igual modo, as incoerências das ações do Estado, já que um policial em serviço, fardado, usa seu tempo para dispor-se a jogos em um bar e, por utilizar de sua condição de soldado para obrigar um cidadão a jogar com ele, ao ter seus interesses contrariados, usa da perseguição, opressão e repressão contra o vaqueiro. Centraliza-se, assim, o medo como uma constante na relação entre cidadão e Estado (Soares; Ferreira, 2019, p. 11-14).

Referente à fala como meio de argumentação para escapar de tal situação, destaca-se que:

[...] Se por um lado ela "hominiza", por outro ela pode encenar o lugar de enunciação do poder – a palavra do soldado amarelo está acima da de Fabiano porque embutida em uniforme policial. Caso Fabiano dominasse a escrita e a boa oratória, ele teria meios de contornar certas situações: como ser trapaceado pelo patrão e humilhado pelo soldado amarelo; mas ainda assim, sobretudo pensando em luta de classes, ele permaneceria submetido a outros tipos de subordinação. Assim, o Estado se conforma ao redor do aparato legislativo que, a rigor, só existe enquanto escrita e, depois, como gesto performativo. (Comin, 2016, p. 96)

Mesmo que a escrita e a boa articulação das palavras estivessem ao dispor de Fabiano, ele não escaparia da opressão do Estado e da violência estrutural, já que as estruturas de poder ali presentes e a articulação da sociedade continuariam a oprimi-lo e marginalizá-lo pela sua condição de sertanejo, desprovido de poder econômico e de status.

A Violência que Ultrapassa a Literatura

A violência denunciada por Graciliano Ramos em *Vidas Secas* encontra-se atualizada, ela continua a ocorrer. Segundo o Mapa da Segurança Pública de 2025, que tem por base as análises do ano anterior, as mortes em decorrência da intervenção de agentes do Estado totalizaram 6.134 vítimas. Mesmo com queda de 4,02% (que representa apenas 257 vítimas a menos), os dados ainda apresentam um número expressivo e denunciam a dura realidade do país em que os órgãos responsáveis pela segurança e diminuição da violência matam. Segundo o site da UOL, os policiais militares e civis do Brasil matam praticamente o triplo do que agentes de segurança de 15 países do G20 somados. Proporcionalmente, os brasileiros matam 36 vezes mais em relação a outros países (Vilas Boas; Alleoni, 2024). Segundo a reportagem de Elaine Patricia Cruz para a Agência Brasil, de 2018 a 2024, nenhum policial que atua no estado de São Paulo foi responsabilizado por abordagem letal ou violenta. Os dados derivam

do projeto Mapas da (In)Justiça, elaborado pelo Centro de Pesquisa Aplicada em Direito e Justiça Racial da FGV Direito de São Paulo, que analisou 859 inquéritos policiais nesse período. Diante da análise, conclui-se que, em todos os inquéritos, o Ministério Público (órgão que exerce controle externo da atividade policial) optou pelo arquivamento de processos (Cruz, 2025). Apresenta-se aqui um extrato da entrevista da coordenadora do projeto, Julia Drummond:

Os dados reunidos revelam um cenário de persistente impunidade, no qual a atuação policial letal é sistematicamente legitimada por narrativas oficiais, sustentadas em registros documentais marcados por seletividade racial, apagamentos e omissões técnicas. A análise dos boletins de ocorrência mostra que categorias genéricas como 'prática de crime' ou 'atitude suspeita' são amplamente mobilizadas para justificar abordagens violentas, com forte incidência sobre corpos negros, que representam 62% das vítimas fatais registradas. Essa seletividade racial atravessa toda a cadeia de produção de verdade institucional, desde o registro inicial até a decisão judicial final (Cruz, 2025).

Além dos alarmantes números da taxa de mortalidade causada por agentes do Estado, surgem outras problemáticas na trama, como a questão da impunidade, que certamente contribui para o número tão expressivo de vítimas. Também entra em debate a questão racial, sendo que a maioria das vítimas são pessoas negras. Assim, percebe-se que a violência denunciada em *Vidas Secas* continua a acontecer, e até assume formas semelhantes. No romance, são as populações mais marginalizadas que se tornam alvo da violência com maior facilidade, assim como na atualidade. Na trama, a questão racial também se torna evidente, já que o personagem Fabiano é considerado um "vermelho", diferente dos brancos da cidade. De igual modo, na atualidade, o alvo mais atingido pela violência também possui cor determinada, já que a maioria das vítimas são pessoas pardas e pretas. O soldado amarelo

estava em serviço quando ocorreu o ato violento, assim como a maioria das mortes foi provocada por policiais em serviço. As autoridades justificadas continuam existindo na atualidade, usufruindo da impunidade e oprimindo ainda mais a população marginalizada.

Entra em debate a questão da cidadania. Diante da consolidação da democracia, a conjuntura torna os direitos individuais (liberdade, igualdade, direito à vida digna) e sociais (saúde, educação, lazer, segurança, trabalho) partes indissociáveis da pessoa cidadã. Tais direitos devem ser assegurados pelo Estado. A Constituição Federal de 1988 torna-se importante dentro de tal configuração pelo fato de que assegura, em seu artigo 5º, que todas as pessoas são iguais perante a lei, sem que se possa fazer qualquer distinção entre elas. Desse modo, a cidadania está vinculada aos direitos fundamentais e à relação entre o povo e o Estado. Assim sendo, exercem ativamente a cidadania as pessoas que se envolvem nas tomadas de decisões que têm o intuito de melhorar a qualidade de vida e o pleno exercício dos direitos fundamentais. Frente a isso, fica exacerbada a importância da reflexão, conscientização e do debate social para discutir políticas públicas eficientes que tenham por finalidade a melhoria da qualidade de vida de todas as pessoas. Indubitavelmente, esse processo de conscientização se inicia na escola, que é diretamente afetada pelo sistema violento (Silva, 2018, p. 97-99).

A noção de cidadania e de que as pessoas são iguais perante a lei caracterizam um avanço social, especialmente na garantia de direitos básicos, mas não se mostram efetivas na prática. Como se mostra perceptível nos dados apresentados acima, uma parte da população é atingida com mais intensidade pela brutalidade de agentes estatais. Do mesmo modo,

existem populações que se encontram à margem da sociedade e que não têm acesso aos direitos fundamentais, mesmo que exerçam ativamente a cidadania. Torna-se evidente, então, que, mesmo a igualdade sendo um direito garantido por lei, ela não está garantida na vida diária das pessoas. Até mesmo os agentes estatais que, em tese, deveriam auxiliar a garantir que a lei seja aplicada são responsáveis pela violência que tem alvo marcado. O Estado, de igual modo, expressa sua dualidade quando, sendo o responsável por garantir os direitos individuais e sociais, é ao mesmo tempo o agente ativo que nutre o sistema desigual e mantém populações à margem em detrimento de privilegiar as elites sociais.

Conclusão

As denúncias que o autor Graciliano Ramos aborda em sua obra ainda encontram traços semelhantes na atualidade, onde as populações mais marginalizadas continuam a ser excluídas socialmente em detrimento de uma elite que mantém e garante seus benefícios intocáveis. Evidencia-se que a violência estrutural faz parte do passado, do presente e, possivelmente, do futuro do país, já que ainda não existem caminhos efetivos de sua erradicação. Isso ocorre pelo fato de que, sendo o Estado o responsável pelas medidas de políticas públicas que tragam equidade à população brasileira e garantam os direitos básicos fundamentais, é também o Estado um agente ativo que perpetua e alimenta a violência estrutural. A precariedade do acesso à educação de qualidade das populações que se encontram à margem do sistema social contribui para que não haja conhecimento e reflexão em torno e sobre os sistemas de opressão que acometem as desigualdades sociais em que

estão inseridas, retroalimentando, dessa maneira, o sistema opressor, que se beneficia de igual modo diante do julgamento de ineficácia governamental, já que este título encobre o fator de violência ali presente.

Nesse sentido, a literatura emerge como espaço privilegiado de denúncia e resistência, capaz de desvelar as estruturas de opressão que permanecem naturalizadas no tecido social. *Vidas Secas*, ao dar voz e visibilidade às populações marginalizadas, cumpre uma função que transcende o literário, tornando-se documento histórico e instrumento de conscientização. A permanência das violências denunciadas por Graciliano Ramos evidencia que a barbárie não é apenas um conceito filosófico, mas uma realidade concreta que se atualiza constantemente, exigindo de nós não apenas a compreensão crítica, mas o engajamento ativo na construção de uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária.

Referências

BOTOSO, Altamir. O espaço e sua funcionalidade em *Vidas Secas*. *Revista de Estudos Literários da UEMS*, v. 1, n. 8, 2013.

COMIN, Clarissa Loyola. Linguagem e alteridade em *Vidas Secas*. *R. Letras*, Curitiba, v. 18, n. 23, jul./dez. 2016.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga. A concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 4, 1999.

CRUZ, Elaine Patricia. Nenhum policial é responsabilizado por abordagem letal há 7 anos em SP. *Agência Brasil*, São Paulo, 06 mai. 2025. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-05/nenhum-policial-e-responsabilizado-por-abordagem-letal-ha-7-anos-em-sp>. Acesso em: 20 de julho de 2025

DOS SANTOS, Gracineia; DE ARAÚJO, Marta Mendes. A fuga da miséria e da fome no romance *Vidas Secas*, do escritor Graciliano Ramos. *REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS*, v. 1, n. 8, 2014.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 165. ed. Rio de Janeiro: Record, 2024.

SILVA, Laísa Francisco; FREIRE, Jacqueline Lopes; DO PRADO, Luciana Martins. Cidadania e Violência Estrutural. *Revista Brasileira de Educação e Cultura | RBEC | ISSN 2237-3098*, 2018.

SOARES, Edson Souza; FERREIRA, Carolina Duarte Damasceno. Retratos da Arbitrariedade do Uso da Força e Violência em *Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos. *SURES*, v. 1, n. 13, 2019.

VILAS BOAS, Pedro; ALLEONI, Matheus. Policiais brasileiros matam mais do que os de 15 países do G20. *UOL*, 18 dez. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/12/18/dados-policial-letalidade-g20.htm>. Acesso em: 20 de julho de 2025